

O Deus do Kintsugi japonês

Perda. Abandono. Doença. Morte. Dor. Enfim, numa palavra: trevas. Mas esconderá o sofrimento, nos lugares mais profundos da sua própria penumbra, pequenos indícios de luz capazes de elevar a experiência humana de uma condição de queda a um (literal) estado de graça, por meio da redenção? Na edição de 2021 do “Refletir”, tanto Philip Yancey, como os restantes oradores puseram o dedo na ferida, nalguns para sarar, noutros para fazer doer - como diria Samuel Úria. Os que estiveram sabem bem que doeu só de ouvir. E - ironia das ironias - houve até quem não estivesse por culpa dessa mesma dor: a participação da oradora convidada Mafalda Ribeiro foi estorvada por um problema de saúde. A verdade é que, também sem que o programa o previsse, a luz irrompeu ali mesmo, quando os corações dos presentes se sintonizaram em oração pela vida da Mafalda. E que bonita materialização das duas grandes certezas que cada um levou consigo no final do dia: (1) Deus já está presente, (2) só temos de O tornar visível.

Autoridade é coisa que não falta a Philip Yancey para se debruçar sobre a problemática do sofrimento. E não é só pela quantidade absurda de livros que já editou. É que começou desde bem cedo a experimentar o sofrimento. Tão cedo que ainda nem sabia que o estava a experimentar. Com apenas um ano de vida, Philip Yancey perdeu o seu pai, vítima de poliomielite. Aos 23 anos, o pai de Yancey preparava-se para servir como missionário em África. Na comunidade, orava-se por um milagre. Deus tinha que curar aquele homem fiel, isso era inquestionável. À muita oração seguiu-se um enorme passo de fé: removê-lo do “Iron Lung”¹. Nove dias depois, o pai de Yancey morreu. “Terá aquela decisão sido um erro teológico?”, lançou retoricamente o autor norte-americano, antes de nos conduzir numa viagem pelas suas **quatro formulações acerca da questão da dor e do sofrimento**.

Em primeiro lugar, parafraseando C.S. Lewis, **“vivemos num mundo bom, que foi estragado”**. Não há dúvidas de que Deus, o maior Artista de todos, fez algo de absolutamente belo ao criar o universo. Assim como não restam dúvidas quanto ao responsável pelo dano tremendo que foi causado no mesmo: o pecado, pois claro. A dor e o sofrimento são consequência impreterível desse estrago e, como tal, teremos de levar com eles, mais tarde ou mais cedo. É uma certeza. Não deveríamos ser apanhados desprevenidos. Ainda assim, Philip Yancey atreve-se a encarar a dor como uma dádiva. Sobreviveríamos nós sem ela? A senhora leprosa, que entoava cânticos a Cristo, que Yancey conheceu numa expedição pela Ásia provou-lhe que não.

Em segundo lugar, **“Deus está do lado de quem sofre”**. Philip Yancey mostra-se reticente quanto à possibilidade de um sofrimento que é infligido propositadamente por Deus, como castigo pela nossa má conduta. Estará Deus a causar-nos sofrimento, quando foi Ele próprio que nos deu Jesus, qual modelo exímio de como devemos lidar com o sofrimento (o nosso e o do outro)? Quando Jesus sofria, pedia que a vontade do Pai fosse feita, em vez da Sua. Quando outros sofriam debaixo do Seu nariz, Jesus respondia com compaixão e cura. Se o propósito último da breve passagem de Cristo pela Terra era a resolução do problema da dor (física)? Não. Se é da vontade de Deus que passemos pela dor? Yancey gosta de pôr as

¹ “Pulmão de Aço”: um ventilador de pressão negativa que permite ao doente respirar em caso de paralisia dos músculos respiratórios.

refletir

coisas doutra forma: Deus deseja profundamente que o mundo em que vivemos seja diferente daquilo que é agora - para melhor, claro está. Aliás, vai mais longe e lembra que, quando cada um ou o mundo como um todo sofre, Deus sofre ainda mais. Mas, então, para quê tanto sofrimento? Calma, Ele tem um plano na manga. A promessa da segunda vinda de Cristo é clara e, quanto a nós, já vamos vivendo num tal “in between”² deste mundo simultaneamente bom e estragado.

Depois, **“a Bíblia enfatiza o que o sofrimento produz, não o que causa o sofrimento”**. Deus não está interessado nos “porquês”. Jesus também quase sempre os chutou para canto com grande classe, quando confrontado por discípulos ou doutores da lei. O livro de Jó, ex-libris bíblico da dor e do sofrimento, defraudará e irritará qualquer um que o leia em busca de uma resposta clara para as suas dúvidas existenciais. De acordo com Philip Yancey, a pergunta que se impõe fazer é “o que é que de bom pode ser retirado do sofrimento?”. Ora bem: paciência, esperança, compaixão, permanência, longanimidade - só para enumerar uns quantos, que não temos o dia todo. Quem melhor do que a campeã do mundo das dores para nos comprovar que o que realmente importa é a consequência e não a causa das mesmas? Haverá dor maior do que a de um parto? Eu, como vós, parto do princípio que não. Haverá alegria maior do que a de um parto? Eu, como vós, parto do princípio que não. Esta é a dor que transforma os corredores das maternidades no lugar mais luminoso de qualquer tenebroso hospital. Esta é a dor que, de forma aparentemente sádica, mulheres em todo o mundo se voluntariam para voltar a experienciar, por vezes, passados apenas dois ou três anos desde a primeira experiência. Claro que Philip Yancey não passou ao lado do assunto que tem estado na ordem do dia ao longo do último ano e meio. Ter-nos-á a Covid-19 trazido algo de bom? Não há dúvidas de que, em todo o mundo, o conceito de família ganhou um novo sentido, com uma reaproximação entre cônjuges, entre pais e filhos, e até entre parentes fora do núcleo doméstico. Não há dúvidas de que passámos a valorizar muito mais pessoas e profissões até então tidas como inferiores. E não há dúvidas de que surgiu uma nova sede de espiritualidade, de significado, por parte de muitos que tinham colocado Deus numa prateleira a apanhar pó - sede essa que se traduziu numa maior afluência a cultos online (veja-se o Reino Unido, por exemplo).

Por último, **“a missão da Igreja é ser representante do Deus de todo o conforto e compaixão”**. Philip Yancey confessou que, noutros tempos, pensava que os mandamentos de Deus serviam como forma de nos privar da diversão da vida. Mais tarde, chegaria à conclusão de que servem, afinal, para nos manter saudáveis. E um corpo saudável não é um corpo que não sente dor. Um corpo saudável é um corpo que sente a dor das partes mais fracas. Assim, um Corpo de Cristo (a Igreja) saudável é um Corpo de Cristo que sente a dor dos mais frágeis, dos rejeitados, dos esquecidos, dos pecadores - e sente-a como um todo. Enquanto Igreja, somos portadores de luz para as trevas.

² “Entretanto”.

Entre as duas intervenções de Philip Yancey, houve espaço para alguns fragmentos de luz. O primeiro foi-nos deslindado por **Luciana Fernandes**, uma ex-professora a quem Deus, deliberadamente, pediu para se tornar enfermeira de cuidados paliativos, um trabalho cuja dimensão existencial, afinal, supera a física. De acordo com a própria, nas profissões afetas à saúde, o segredo está em olhar-se para o paciente em sofrimento com os olhos do próprio Deus.

Numa partilha transparente e desconcertante, o pastor **Luís Matos** falou-nos sobre como, ao fim de nove anos, continua a trilhar o vale da sombra da morte, depois da perda dramática do primeiro filho, com uma malformação durante a gravidez. Afinal, quão perigoso é cedermos à tentação de querer impedir que o sofrimento nos atinja? É que a fuga deliberada da dor pode muito bem fazer-nos deixar de sentir por completo.

Representante do “The Inside Project”, **Marta Correia** não foi capaz de conter as lágrimas pela dor profunda e constante de sofrer com os que sofrem. Esse é o preço a pagar mesmo para quem dedica a sua vida a libertar outros das correntes do tráfico humano e dos abusos sexuais. O sorriso resplandecente de Marta ao longo de toda a exposição só nos veio mostrar como é possível ser luz no meio de tantas trevas.

A secção de fragmentos de luz fechou com a abordagem mais científica do sofrimento pelo Dr. João Hipólito, numa desconstrução detalhada do conceito de dor fisiológica, absolutamente indispensável para que nos mantenhamos vivos. Afinal de contas, esse deve ser o ponto de partida para melhor entendermos o conceito de dor espiritual, com o qual, enquanto Igreja, temos o dever de lidar acima de qualquer outra instituição.

Philip Yancey voltaria ao palco para nos falar acerca do Deus do Inesperado. O jornalista e escritor cristão identificou claramente o plano de ação deste Deus: Criação, Queda e Redenção. Duas forças em conflito operam no mundo naturalmente bom, mas caído: a força maligna (satanás) recorre às boas dádivas da força benigna (Deus) e procura convertê-las em coisas más. A força benigna, por sua vez, apropria-se das coisas más - das quais o sofrimento faz parte - e procura devolver-lhes a sua natureza imaculada. A ação maligna é previsível. A ação benigna é... inesperada. Deus promete a Abrão que uma grande nação sairá da sua descendência, mas, diz Philip Yancey, aquela família poderia muito bem abrir “uma clínica de fertilidade”. Mais tarde, Deus promete a essa mesma grande nação um rei forte, e o profeta (e olheiro) Samuel seleciona o mais franzino dos filhos de Jessé. O padrão repete-se vezes e vezes sem conta por toda a Escritura. Deus parece ter uma tara com tudo o que é caminho incomum, escolhendo fracos e pequenos para trabalhos de força e grandeza, consentindo dor e derrota para propósitos de alegria e vitória. Se isto não é arte, o que é? E já que falamos em arte, não há como contornar a belíssima frase de Dorothy Sayers citada por Philip Yancey: “O artista não vê a vida como um problema a solucionar, mas como uma obra a ser criada”. Assim, a qualidade do artista deve ser medida de acordo com a matéria-prima com que começou a sua criação. Como vimos, o maior Artista de todos trabalha

refletir

com matéria-prima de (aparente) pouco valor e faz Kintsugi³ com ela. Bem vistas as coisas, não há nada que seja irredimível. Assim como não há nada que seja irremediável - nem a própria morte.

A reflexão estava feita, mas a arte de refletir não poderia consumir-se sem os outros dois pilares que acompanham o pensamento. São eles o “espelhar” e o “ir”. O Refletir 2021 fechou com uma conversa aberta entre Philip Yancey e Connie Duarte. Terá a Igreja deixado de ser um reflexo da misericórdia de Deus na sociedade? E como ressuscitar essa virtude que nos foi outorgada pelo próprio Deus? Claramente, esta coisa do cristianismo tem de ser muito mais do que um arranjinho entre nós e Deus, em que nós cumprimos todas as regras que Ele nos prescreve, desde que Ele garanta que tudo nos vai bem. Se assim fosse, Jesus não se teria sentado à mesa com aqueles que eram especialistas a quebrar as regras. Há que transbordar amor para aqueles com os quais não nos identificamos - ideológica, política ou religiosamente -, mais do que teologizar *ad eternum* acerca de opiniões e comportamentos que divergem dos nossos. Porquê a dor? Bom, o hinduísmo explica tudo tintim por tintim, mas pouco ou nada ajuda o que sofre. Já o Cristianismo não explica rigorosamente nada, mas tem, na sua génese, o preceito de dar a mão, resgatar, ser compassivo. Como comunicar o amor de Deus num mundo em sofrimento? Philip Yancey apresenta: o magnífico, o divino, o imbatível... “Triple H” (Hand, Heart, Head⁴). Mãos compassivas que agem em prol dos que sofrem irão gerar relações de proximidade e empatia, alcançando os seus corações primeiro, para então despertarem nas suas mentes (cabeças) uma renovação de entendimento capaz de levar à transformação. O apóstolo Pedro tem uma sugestão semelhante quando nos desafia a sermos “dispensadores da graça de Deus”. De facto, só nos resta mesmo ser a “Church Downstairs”⁵ de que Yancey foi testemunha nos EUA, uma igreja que premeia a honestidade e a vulnerabilidade, em vez do legalismo e da boa fama. Deixemos de armarmos em santinhos, justos e puros, que olham para a dor do outro com indiferença e julgamento. Com o devido respeito pela Sr^a. Dorothy Sayers: A dor não é um problema a solucionar, é uma obra a ser criada em nós, através de Deus, e na cidade, através de nós (Igreja). Sejamos artistas da dor, já que somos criaturas do Deus do Kintsugi japonês.

³ Técnica japonesa de reparação de cerâmicas que colmata as falhas de uma peça, cobrindo-as de resina misturada com pó de ouro, prata ou platina. Além de técnica, é uma filosofia de vida que olha para as falhas não como defeitos, mas como fatores de aperfeiçoamento.

⁴ Possível tradução para português, “Tripla C”: Cuidado, Coração, Cabeça.

⁵ “Igreja do Piso Inferior”: uma referência às reuniões dos Alcoólicos Anónimos nas caves de igrejas norte-americanas.